



## Área Temática: Cultura e Mídia

### CULTURA POPULAR NO SEMI-ÁRIDO PERNAMBUCANO

Rúbia Lóssio, César Pereira, Ana Paula\*

**RESUMO:** A pesquisa visa analisar as propostas folkcomunicacionais no cotidiano infantil das crianças de oito a doze anos nos povoados do município de Custódia, Pernambuco. Há de se considerar que esse estudo refere-se às questões de cultura popular através dos autores: Canclini, Benjamin, Cascudo, entre outros. Percebemos então que, o consumo dita “regras”, por sua vez a mídia divulga essas “regras” e as crianças se apropriam dessa situação para interpretar em seu cotidiano reflexo desse “mundo” que para elas ficam um tanto distante de sua realidade.

**Palavras-chave:** Cultura popular, Semi-árido pernambucano, brincadeiras infantis, folkcomunicação.

#### Apresentação

A pesquisa tem como finalidade analisar as brincadeiras e brinquedos infantis com crianças de 8 (oito) a 12 (doze) anos nos povoados do município de Custódia, Pernambuco. Há de se considerar que esse estudo refere-se às questões da folkcomunicação, da cultura popular, costumes, brincadeiras e brinquedos infantis no cotidiano desses meninos e meninas que residem no semi-árido pernambucano. Este trabalho faz parte do - Museu das Crianças do Brasil no Semi-Árido Pernambucano - que por sua vez é a ramificação de um projeto nacional de implementação do Museu das Crianças do Brasil<sup>1</sup> de autoria da Professora Doutora Vera Lúcia Chacon Valença, cuja fundação foi iniciada a partir de 1999, em Santa Catarina e encontra-se atualmente em processo de expansão para Pernambuco. A região estudada trata-se de uma área acometida pela inconstância climática e pela presença de grandes problemas sócio-econômicos. Dentro deste contexto buscaremos a partir da interferência na realidade infantil, situar a questão cultural na contemporaneidade e realizar a criação de um museu

---

\* Rúbia Lóssio /Coordenadora do Núcleo de Estudos Folclóricos Mário Souto Maior da Fundação Joaquim Nabuco [rubia\\_lossio@fundaj.gov.br](mailto:rubia_lossio@fundaj.gov.br), César Pereira /Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Joaquim Nabuco e mestrando em Extensão Rural e Desenvolvimento Local / UFRPE [cesar.pereira@fundaj.gov.br](mailto:cesar.pereira@fundaj.gov.br) e Ana Paul Aguiar/bolsista/PIBIC/CNPq/FUNDAJ [apfundaj@yahoo.com.br](mailto:apfundaj@yahoo.com.br)

<sup>1</sup> Museu das Crianças do Brasil protegido no Ofício de Registro de Títulos e de Pessoas Jurídicas. Comarca de Florianópolis. Protocolo n 209820.Livro 0045.Folha 029,2004'.Registro 2003355.Livro E 00453.Folha 105.Registrado no INPI.

direcionado ao público infantil, de caráter interativo, que possua um acervo próprio e que será utilizado para realização da educação patrimonial estimulando a cultura e a criatividade destes indivíduos.

Essas questões são importantes no sentido que resgata os valores culturais da região, a partir das representações culturais, identificados pelas novas identidades, para promover uma discussão entre os costumes tradicionais e a influência da mídia. Entretanto, há uma nova lógica social regida pela tecnologia da informação que será abordada em um espaço árido que possui limitação de recursos. Observaremos que nesse aspecto, existe um conflito entre a dinâmica local com os saberes tradicionais.

Embora compreender tais questões seja um desafio, principalmente quando se trata em pesquisar o universo do infantil, pretendemos compreender, qual o sentido que as crianças do semi-árido pernambucano fazem da cultura popular nas suas vivências e brincadeiras através dos seus costumes, no que se refere à resistência, relacionados em seu dia-a-dia. Então, como é possível, essas crianças conviverem em um ambiente com tantas limitações e desenvolver uma interpretação da influência dos programas da televisão em seu cotidiano? Ou ainda, as crianças não têm o hábito de brincar como antes, já não se interessam pelas brincadeiras do folclore e passam a construir outras atividades? Ou então essas crianças estão em conflito entre as mensagens que recebem da mídia com o seu universo que é uma região semi-árida. Os meninos e meninas elegeem em seu cotidiano, estratégias de vivências entre o mundo televisivo e os seus espaços físicos e limitados, para reelaborarem maneiras de adaptações nas suas brincadeiras e modos de vida. Nesse sentido explicar as brincadeiras infantis no semi-árido é resgatar com cautela a interpretação que essas crianças fazem em um contexto dinâmico entre o ser e o não ter na lógica do consumo e no âmbito de obstáculos e circunstâncias da vida que são obliteradas a cada dia.

### **Semi-árido Pernambucano**

A escolha do município de Custódia deve-se pelo fato de ser uma região do semi-árido de característica geodésica, situada ao meio no que se refere à cartografia de Pernambuco, facilitando assim, o acesso às crianças do sertão e do agreste pernambucano, em virtude da implementação do museu das crianças. Trata-se de uma área acometida pela inconstância climática e pela presença de grandes problemas sócio-econômicos, como por exemplo: pobreza, longos períodos de estiagens, elevadas taxas de mortalidade infantil e analfabetismo, fome, subnutrição, baixos salários, elevada concentração de renda e terra.

As crianças que moram nos povoados desse município, apesar das limitações de recursos naturais e materiais possuem um imaginário rico em saberes e gestos (cultura imaterial pouco explorada). Sendo assim, o universo estudado através dessas crianças é importante para explicar as formas e alternativas de vida, ou seja, o dia-a-dia da criança que convive com a falta de recursos hídricos é o que desperta o interesse em pesquisarmos essa relação de valores entre o imaginário popular, o folclore, as artes, e as práticas do cotidiano para contextualizarmos o Museu da Criança no Semi-árido Pernambucano.

O semi-árido do Nordeste ocupa aproximadamente 18% do território nacional (1,5 milhões de km<sup>2</sup>) e concentra cerca de 30% da população total do país. É assinalado pela escassez dos recursos hídricos onde só há chuva em determinada época do ano. A população convive com a falta de água e a pouca água que possui é salobra. Não dispõe de saneamento básico, de coleta de lixo nem de transporte coletivo, sobretudo no período noturno, nem de assistência médica, entre outros problemas que afetam os moradores. No que concerne a característica natural é marcado por acentuados contrastes, por exemplo, litoral úmido e interior seco (semi-árido). A região semi-árida é “também conhecida como Polígono da Seca, compreendendo uma extensa área territorial (aproximadamente um milhão de km<sup>2</sup>), abrangendo a maior parte de todos os estados nordestinos e o norte de Minas Gerais. O semi-árido brasileiro apresenta clima seco e quente, pouca chuva (as precipitações ficam em torno de 500 mm) e má distribuição durante o ano, alto índice de evaporação e salinidade, uma vegetação típica (caatinga), rios temporários e secas periódicas”.<sup>2</sup>

A delimitação do semi-árido brasileiro é feita a partir da consideração de três critérios técnicos apresentados pelo Grupo de Trabalho Interministerial (GTI)<sup>3</sup> para a nova delimitação do semi-árido brasileiro. São eles:

---

<sup>2</sup> <http://proasne.net/desenvolvimentosustentavel.html> acesso em 12/05/2006 às 15h37

<sup>3</sup> Grupo de Trabalho Interministerial – Instituído pela Portaria Interministerial N° 6, de 29 de março de 2004, assinada pelos ministros da Integração Nacional, Ciro Gomes, e do Meio Ambiente, Marina Silva, para, em 120 dias, apresentar estudos e propostas de critérios que definissem a área compreendida pelo semi-árido brasileiro. Essa delimitação foi considerada instrumental para a adoção de políticas de apoio ao desenvolvimento da região. O GTI, coordenado pelo MI, reuniu técnicos dos Ministérios do Meio Ambiente, da Ciência e Tecnologia e da Integração Nacional; da Agência de Desenvolvimento do Nordeste (Adene), da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), da Agência Nacional de Águas (ANA) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Participaram igualmente, a convite, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o Instituto Nacional do Semi-Árido (Iesa), o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa) e o Banco do Nordeste (BNB).

- I. Precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros;
- II. Índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, no período entre 1961 e 1990;
- III. Risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990.

Esses três critérios foram aplicados consistentemente a todos os municípios que pertencem à área da antiga SUDENE, inclusive os municípios do norte de Minas Gerais e do Espírito Santo. Em 10 de março de 2005, o Ministro da Integração Nacional assinou, na cidade de Almenara, no nordeste de Minas Gerais, Portaria que instituiu a nova delimitação do semi-árido brasileiro, resultante do trabalho do GTI que atualizou os critérios de seleção e os municípios que passam a fazer parte dessa região.

Além dos 1.031 municípios já incorporados, passam a fazer parte do semi-árido outros 102 novos municípios enquadrados em pelo menos um dos três critérios utilizados. Com essa atualização, a área classificada oficialmente como semi-árido brasileiro aumentou de 892.309,4 km<sup>2</sup> para 969.589,4 km<sup>2</sup>, um acréscimo de 8,66%. O estado de Minas Gerais teve o maior número de inclusões na nova lista - dos 40 municípios anteriores, vai para 85, variação de 112,5%. A área do Estado que fazia anteriormente parte da região era de 27,2%, tendo aumentado para 51,7%.

### **Educação e Cultura**

As formas de educação estão principalmente relacionadas à cultura. Para Turner “cultura é um sistema de símbolos que uma população cria e usa para organizar-se, facilitar a interação e para regular o pensamento” (TURNER, 1999). A alfabetização cultural é a forma que os profissionais encontraram para resgatar a tradição. Em contrapartida nos deparamos com uma nova geração, a geração da tecnologia da informação. Outros pontos podem assumir esse novo contexto, e assim a educação tradicional não cabe mais nesse universo dinâmico, efêmero e descartável. Inserir e registrar os valores culturais das crianças é privilegiar a educação no aspecto transformador, dinâmico, ativo, ou seja, evoluir sem descaracterizar. O Museu, por sua vez, é uma proposta de auto-estima numa época onde a tecnologia da informação impera. Os somatórios, envolvendo a oralidade do novo com os velhos, retratam a importância de novos mundos, sem perder o sentido da memória da relação de gerações.

Segundo Gadotti “Com as conquistas democráticas, ocorreu com a educação popular uma grande fragmentação em dois sentidos: de um lado ela ganhou uma nova vitalidade no interior do Estado, diluindo-se em suas políticas públicas; e, de outro, continuou como *educação não-formal*, dispersando-se em milhares de pequenas

experiências. Perdeu em unidade, ganhou em diversidade e conseguiu atravessar numerosas fronteiras. Hoje ela incorporou-se ao pensamento pedagógico universal e orienta a atuação de muitos educadores espalhados pelo mundo, como testemunha o *Fórum Paulo Freire*, que se realiza de dois em dois anos, reunindo educadores de muitos países” (GADOTTI,2000). A *educação não-formal* define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino.

A pesquisadora Margareth Park acredita que apesar de constituírem âmbitos distintos, a educação não-formal pode contribuir com a formal e vice-versa. As entidades assistenciais têm uma boa experiência em relação à disciplina, por exemplo. De modo geral, elas têm mais sensibilidade para tratar de alguns problemas, notadamente o da violência. Na escola formal, a abordagem é muito punitiva em relação a esse assunto. Por outro lado, a escola foi e continua sendo um centro de referência dentro da comunidade e tem um repertório interessante a oferecer. Assim, ela pode disponibilizar espaços para que as pessoas circulem, convivam e partilhem vivências (PARK, 2005). Para o educador Paulo freire: “Educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e onde *a questão da identidade cultural*, tanto em sua dimensão individual, como em relação à classe dos educandos, *é essencial à prática pedagógica proposta*. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar à escola, o processo será inoperante, somente meras palavras despidas de significação real. Para tanto, propomos a criação de um Museu direcionado ao público infantil de caráter interativo baseado no *Brooklyn Children`s Museum* que possui um acervo próprio que é utilizado para realizar a educação patrimonial. Nesse sentido definimos a função de Museu das crianças do semi-árido.

Museu das crianças é um tipo de instituição inaugurada nos Estados Unidos em 1899 que se expandiu em vários países, inclusive alguns da América do Sul. O Museu das Crianças busca engajá-las em experiências educacionais: culturais e criativas. Essa nova geração de Museu busca despertar e desenvolver o interesse e a curiosidade do saber através da própria descoberta transformando em seu público alvo principal. As crianças do semi-árido apesar das limitações de recursos naturais e materiais possuem um imaginário rico em saberes e gestos, cultura imaterial pouco explorada. No que se refere a “Unesco, define como Patrimônio Cultural Imaterial, as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos,

objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.”<sup>4</sup> Desse modo, abordaremos os estudos envolvendo as culturas populares que partem da compreensão de Néstor Garcia Canclini:

“Culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia, por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação real e simbólica das condições gerais e específicas do trabalho e da vida”. (CANCLINI,1995)

Com a ajuda de Canclini passaremos a compreender as culturas populares no capitalismo. Traçar um perfil do universo infantil no semi-árido necessariamente é conhecer as características das culturas populares como: resistência, ambivalência e o para suprir suas necessidades imediatas. Nesse sentido o simbólico é o que justifica a vida dos moradores do semi-árido. A riqueza do imaginário popular nas palavras de Agnes Heller diz respeito: “o âmbito cotidiano de um rei não é o reino, mas a corte”, (HELLER, 1987) o que está em volta, em uma perspectiva muito mais ampla do que simplesmente aquele dado ou outro a que se faz referência no dia-a-dia. Nesse sentido, também a respeito de Heller, o homem se faz inteiro, no contato que ele estabelece com a sua prática cotidiana. Para o antropólogo Luis da Câmara Cascudo:

“As brincadeiras dificilmente desaparecem e são das mais admiráveis constantes sociais, transmitidas oralmente, abandonadas em cada geração e reerguidas pela outra, numa sucessão ininterrupta de movimento e de canto, quase independente da decisão pessoal ou do arbítrio administrativo, na velha tendência modificadora. Infalivelmente, as crianças brincam como gostam de brincar, escolhendo livremente o processo de encaminhar e expandir essa força viva, pura e ampla, que as possui totalmente”.(CASCUDO,1998)

### **Metodologia**

Como processo de investigação fizemos uma análise teórica do problema da pesquisa e realizamos um levantamento bibliográfico a partir dos estudos de Nestor Garcia Canclini, Mary Douglas, J. Campbell, Paulo Freire, Manoel Correia de Andrade, Agnes Heller, Gaston Bachelard, Margareth Park entre outros, que abordam temas como: educação patrimonial, aspectos geográficos da região Nordeste, imaginário, cultura popular, cotidiano e cultura imaterial. Em seguida, elaboramos um roteiro de

---

<sup>4</sup> <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>

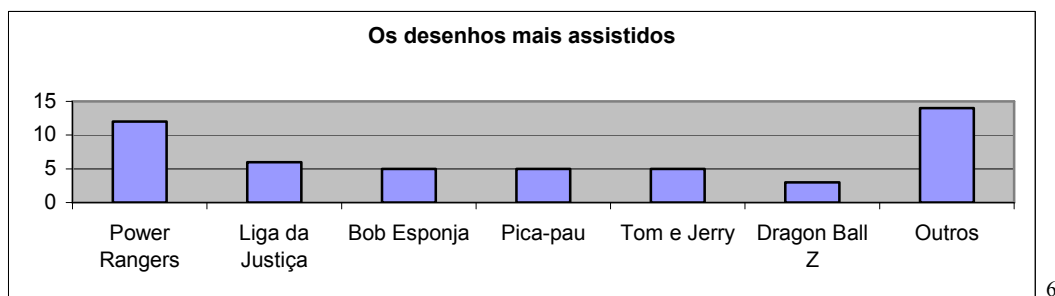
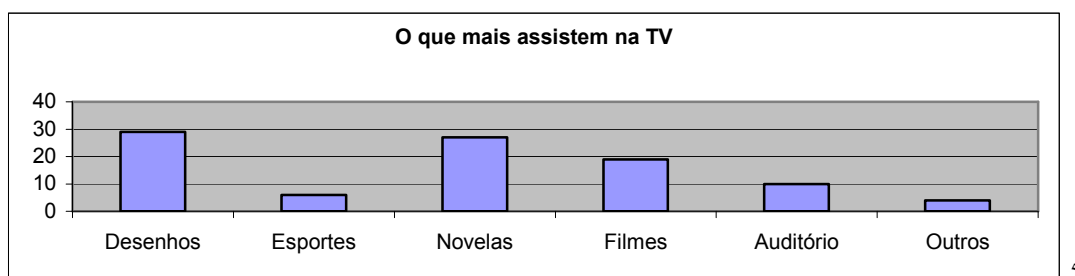
entrevistas semi-estruturadas, viajamos ao município de Custódia e realizamos a aplicação das entrevistas semi-estruturadas. Um mês após a viagem, iniciou-se a análise dos dados coletados nas entrevistas, através de tabulação dos questionários e transcrição de fitas. A pesquisa é de caráter exploratório, uma vez que busca conhecer as características de um fenômeno para procurar, posteriormente, explicações das causas e conseqüências; qualitativo; descritivo e bibliográfico, valendo-se de entrevistas semi-estruturadas com as crianças dos povoados de Samambaia, Sabá, Sítio Serra da Torre e Sítio Prazeres, estas abordadas em escolas, praças e ruas. Por meio dessas entrevistas pretendemos traçar o perfil do universo popular das crianças de 8 a 12 anos e descobrir suas considerações em relação ao folclore, artes, e conhecimentos sobre a região. As entrevistas semi-estruturadas consistem em perguntas e questões com solicitação para complementação posterior por parte do entrevistado, aplicadas a partir de um roteiro simples, a fim de proporcionar mais liberdade ao entrevistado. Dessa forma, é possível coletar informações além das inicialmente previstas no roteiro, pois é permitido ao entrevistado demonstrar suas próprias opiniões. Os depoimentos, as histórias escritas e orais, as brincadeiras e brinquedos, as superstições, as danças e representações, os provérbios, as festas em homenagem aos santos e as metáforas foram fontes de dados e fizeram emergir muitas informações importantes para elaboração e desenvolvimento da pesquisa.

Essa análise foi realizada procurando compreender as brincadeiras infantis do dia-a-dia das crianças bem como suas aspirações. Há de se considerar que, apesar das crianças se apropriarem das mensagens que recebem da televisão, algumas brincadeiras resistem ao tempo, sendo assim, elas transformam o seu cotidiano em novas formas de vivência, unindo tecnologia da informação com falta de recursos, elas almejam cantar, dançar ou serem atrizes ou atores associada aos valores estéticos. Com isso, o resgate da valorização local fica imbuído, e os impactos são visíveis, revelando uma infância guiada pela tecnologia da informação.

No desenvolvimento das etapas da pesquisa sobre o perfil das crianças no semi-árido pernambucano utilizou-se a convergência de métodos e técnicas de pesquisas quantitativas e qualitativas. Sendo assim, foi possível a construção dos caminhos das coletas de dados empíricos e teóricos. A convergência de métodos e técnicas na coletas de dados foi o que possibilitou, ao máximo, a aproximação do objeto de estudo, no seu sentido mais amplo.

## **Resultados desse estudo**

Baseado nas entrevistas realizadas apresentamos os seguintes resultados:



O que conduz a criança na escolha dos programas de TV, dos desenhos animados, dos seus ícones da música e da beleza, dos seus gostos musicais e filmes parece ser a grande metáfora que se constrói a partir da relação: mitos, símbolos e imaginário infantil. Dentre os programas de TV, elas dizem preferir os de desenhos e as novelas. Citam os programas: TV Xuxa e o Sítio do Pica-Pau Amarelo, ambos da Rede Globo, como seus preferidos. Na categoria desenho elegem “Os Power Rangers”, “Liga da Justiça”, “Dragon Ball Z”, “Bob Esponja”, “Pica-Pau” e “Tom e Jerry” como os melhores.

Algumas justificativas pela preferência de tais programas e desenhos:

“Porque no TV Xuxa passa os Power Rangers e no Sítio tem a Emília” P.

“Porque vendo o TV Xuxa a pessoa fica mais inteligente” J.E.

“Eu gosto de ver o Power Rangers porque ver luta é bom” R.

“Eu gosto do Bob Esponja porque ele é engraçado e do Dragon Ball Z porque tem luta”

W.B. “Eu gosto do Bob Esponja, Pica-Pau e Power Rangers porque eles são engraçados” A.

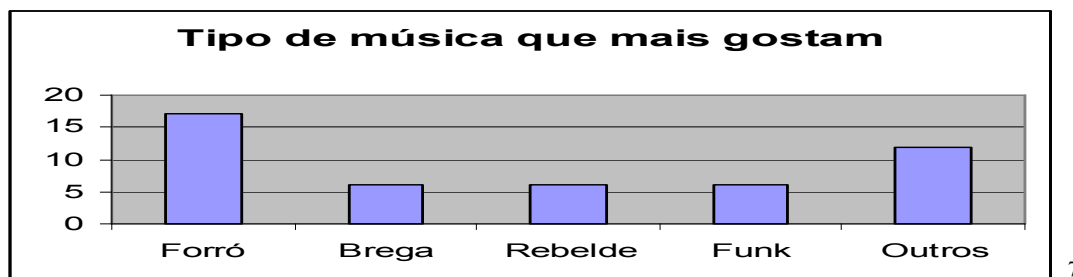
“A partir dos mitos existentes nos desenhos animados preferidos, a criança elabora medos e satisfaz necessidades fundamentais como: viver a magia da ficção; a importância de, ainda que magicamente, desafiar as regras que o adulto lhe impõe no seu dia-a-dia; a substituição do tempo métrico, que é real, pelo

<sup>5</sup> Outros: Jornal (1), Rodeio (1), Religioso (1) e Humor (1).

<sup>6</sup> Outros: Papa-léguas (1), Timão e Pumba (1), Mandelaine (1), Os Padrinhos Mágicos (1), Os Camundongos Aventureiros (1), Pequeno Urso (1), Pantera Cor-de-Rosa (1), Popaye (1), Mickey e Donald (2), X-Man (2) e Scooby-Doo (2).



tempo psicológico que lhe permite libertar-se da gravidade, ficar invisível, e assim, comandar o universo por meio da sua onipotência”. (PACHECO, 1998).



No que diz respeito à música, as crianças dizem que o Forró, o Brega e Pop (músicas do RBD -Os Rebeldes) são os gêneros musicais que mais gostam e citam a bandas RBD, Saia Rodada e Calypso como suas preferidas. Elegem como ícone de beleza Xuxa, Mia (RBD) e Bel (personagem da novela Cobras e Lagartos – exibida pela Rede Globo). Em relação ao tipo de filme que preferem os de ação e luta encontram-se em destaque. Uma das crianças afirma: “Gosto do filme de luta porque muitas pessoas morrem”.

Dessa forma, percebe-se que as crianças dos povoados de Custódia interagem com a TV<sup>8</sup> e o rádio<sup>9</sup> e elaboram suas representações de acordo com seu universo sócio-cultural. As crianças imprimem sua experiência subjetiva no conteúdo assistido e escutado, e constroem mensagens diferentes sobre o mesmo aspecto do enredo, da música ou de um personagem, partindo do seu referencial. Além disso, a estrutura narrativa e o conteúdo mítico e simbólico dos desenhos animados, músicas e programas de TV demonstraram constituir excelente material de uso pedagógico, uma vez que a análise dos mesmos revelou a importância que têm no desenvolvimento cognitivo e no imaginário infantil.<sup>10</sup>

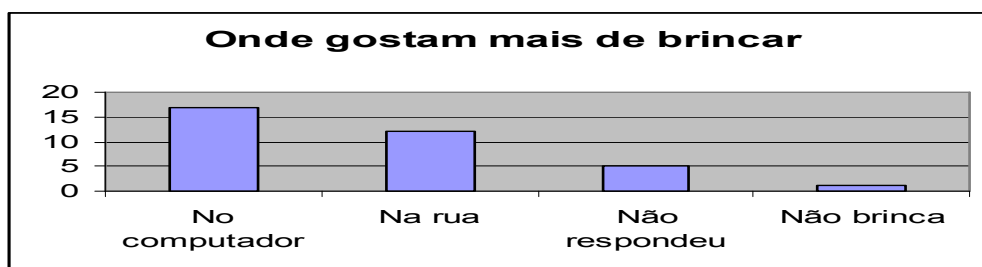
Em relação ao computador:

<sup>7</sup> Outros: Furunfa (1), Rock (2), Internacional (1), Arrocha (2), Sertanejo (2), Lambada (1), Reza (1), Romântica (2).

<sup>8</sup> 94,2% das crianças possuem televisão em casa e 74,2% têm antena parabólica.

<sup>9</sup> 91,4% das crianças escutam rádio.

<sup>10</sup> Pode-se observar que dois dos desenhos citados pelas crianças: “Os Power Rangers” e “Dragon Ball Z” são preferidos justamente por envolver lutas. E a categoria de filme mais votada deu-se pelo mesmo motivo, o que remete às palavras da autora Agnes Heller citada no texto.



\* Em uma das perguntas do questionário, a maioria das crianças responde que não possuem computador, dizem nunca ter brincado em um e afirmam ter visto apenas pela TV. Mas 57,1% delas relatam que preferem brincar no computador quando questionadas por sua preferência de brincar na rua ou no computador. Elas dizem que mesmo sem ter brincado, imaginam como seria ter um computador e brincar com ele. Percebe-se, então, que o imaginário infantil sugere um inexplicável e superior sexto sentido, capaz de captar a poesia presente nas histórias, na fantasias e sonhos, na natureza, nos objetos, nos brinquedos e na esperança.

Algumas respostas:

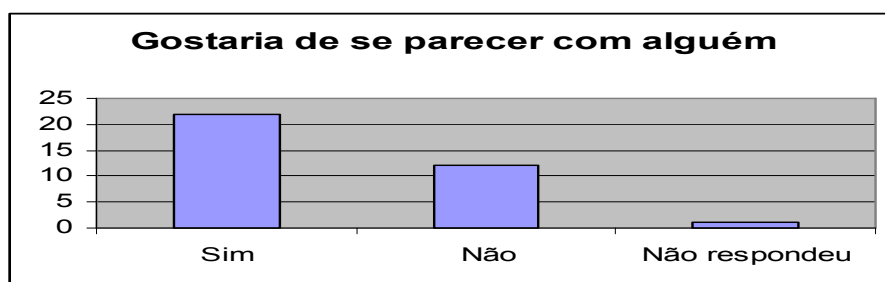
“Brincar no computador é melhor do que está na rua, porque está em paz sozinho”E.

“ Prefiro brincar computador porque a pessoa fica sentada e jogando”I.

“Eu prefiro brincar em casa no computador, tem mais sossego. “Na rua se arenga” W.

“No computador porque é mais calmo e ele não grita”M.J.

#### **Estilo e Estética:**



A cultura do semi-árido nordestino passa por processos de reinvenção de suas tradições e os meios de comunicação de massa, notadamente a televisão, são vistos como um os fatores mais importantes dessas mudanças culturais. A mídia traz tudo "certinho", como devemos ser o que podemos querer, do que devemos temer. As diferenças naturais são tratadas pela mídia de maneira assistencial onde prega a ajuda ao coitadinho, a tolerância aos infelizes. A valorização e exaltação do belo/perfeito promovido pela mídia fazem com que as crianças se questionem e se preocupem em estar dentro do padrão “ideal”, interferindo diretamente em sua auto-estima . Sendo

assim, em relação à estética, 62,8% dizem que gostaria de se parecer com alguém, 31,4% das crianças não se consideram bonitas e 54,2% das crianças dizem que para uma pessoa ser bonita tem que ser magra.

Quando questionadas sobre o que gostariam de fazer para se sentirem mais bonitas, algumas responderam que desejariam pintar o cabelo, se arrumar mais e ter roupas novas. Outras responderam:

“Eu faria mágica” A. L.

“Faria uma plástica no nariz e mudaria minha boca” I.

“Faria uma plástica no meu nariz, ele é muito feio”F.

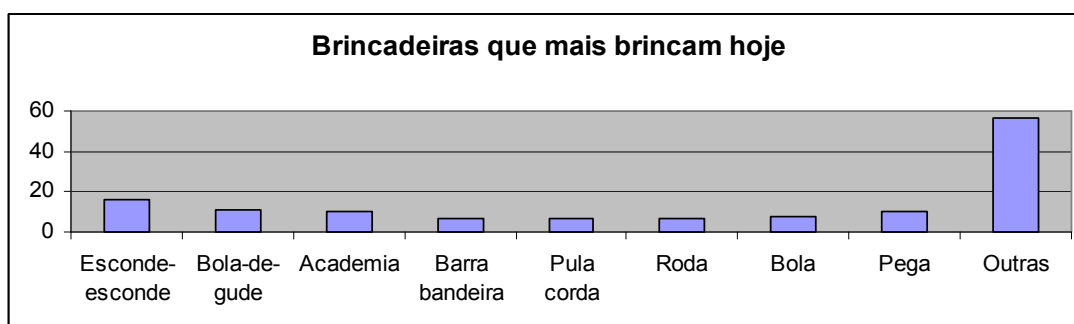
“Faria uma plástica no meu rosto, não gosto dele”J.

“Ficaria menos no sol para ficar mais branco”J.

“Gostaria de ser branca” T.K.

Vê-se o quanto à valorização desses atributos externos já está arraigada na consciência infantil, estimulando as crianças a deixarem de olhar para o que realmente importa: a essência humana que está dentro de cada uma delas.

Brincadeiras do cotidiano:



11

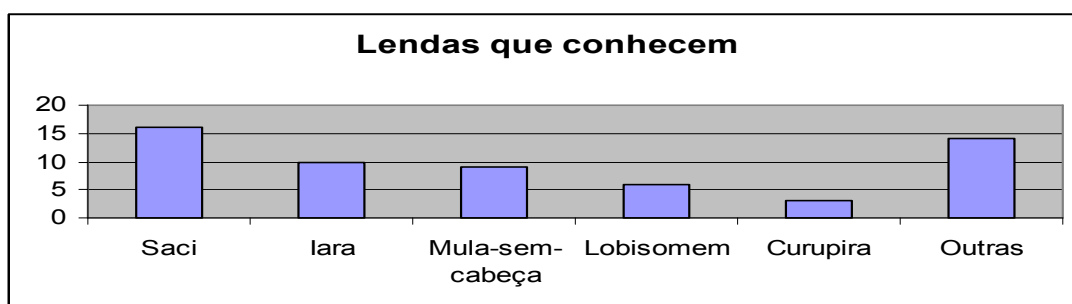
As crianças de Custódia tornam-se cada vez mais influenciadas e regidas pelos meios de comunicação. Uma vez que a mídia se apresenta a elas corrompendo seus mais sutis sentimentos, seduzindo seus mais sensíveis desejos e penetrando no seu imaginário em formação. O brinquedo e as brincadeiras já não são mais os mesmos, as crianças trocam seus carrinhos e bonecas por um maior tempo em frente à TV e escutando músicas no rádio. Elas citam inúmeras brincadeiras das quais ainda brincam (esconde-esconde, academia, bola de gude, ciranda-cirandinha) mas afirmam passar mais tempo assistindo desenhos e novelas. Acredito que tais brincadeiras ainda existam pela falta de

<sup>11</sup> Outras: Pião (5), Badoque (5), Congela (5), Toca (5), Casinha (4), Ciranda-cirandinha (4), Pipa (4), Mata – Carimba (3), Correr (3), Polícia (3), Acocorar (3), Troca (2), Circo pega-fogo (1), alerta (1), Salve (1), escolinha (1), galo-galinha (1), queima (1), futebol (1), anel (1), pisa no pé (1), carrinho (1), bicicleta (1), adedonha (1), coelho (1), pau na lata (1), vôlei (1), basquete (1), rica-rica (1), dançar (1) e cadeira (1).

oportunidade da tecnologia estar mais presente em suas vidas. Ou seja, se eles tivessem mais acesso a produtos oriundos da tecnologia não estariam brincando na rua. 37,1% das crianças dizem ter brinquedos de pilha ou controle remoto e preferem brincar com estes em relação aos brinquedos mais comuns/ artesanais.

Dessa forma, essa análise foi realizada procurando compreender as brincadeiras infantis do dia-a-dia das crianças bem como suas aspirações. Há de se considerar que, apesar das crianças se apropriarem das mensagens que recebem da televisão, algumas brincadeiras resistem ao tempo, sendo assim, elas transformam o seu cotidiano em novas formas de vivência, unindo tecnologia da informação com falta de recursos, elas almejam cantar, dançar ou serem atrizes ou atores associada aos valores estéticos. Com isso, o resgate da valorização local fica imbuído, e os impactos são visíveis, revelando uma infância guiada pela tecnologia da informação.

### Universo infantil:



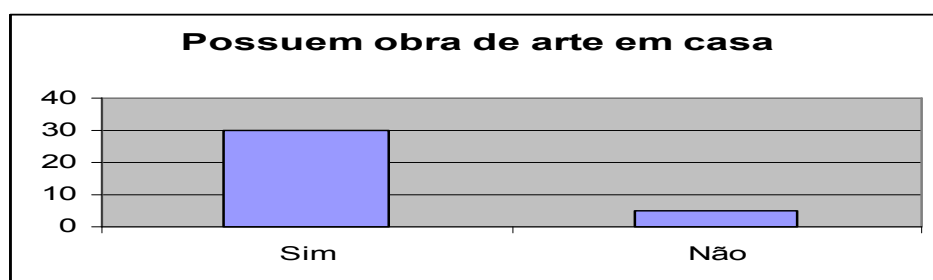
12

O universo infantil de Custódia ainda reflete certa riqueza folclórica. As crianças falam que o sabem sobre folclore, lendas e dizem conhecer algumas delas. Apesar de dizer que conhecem essas lendas, a maioria das crianças na verdade “reconhecem sem conhecer”. Dessa forma há uma preocupação de que com o tempo esses elementos caracterizadores da cultura do País, como o carnaval, bumba-meu-boi, festa de coroação dos reis, capoeira, futebol, as lendas, os contos e a multiplicidade de brincadeiras oferecidas pelo folclore infantil sejam esquecidos. Pois, cada vez mais, as imagens sociais dos tempos passados perdem-se em virtude do novo modo de vida dos tempos atuais. Assim, cabe à escola estar sempre estimulando os contos, lendas e brincadeiras tradicionais que dão conteúdo à expressão imaginativa da criança, para que beneficie e enriqueça o seu repertório imaginativo. Entretanto, percebemos o quão difícil é essa tarefa, uma vez que a escola não dispõe de recursos necessários. Vimos que numa mesma sala, a professora

<sup>12</sup> Outras: Caboclinho (2), papa-figo (2), fantasma (1), sereia (1), bicho-papão (1), caipora (1), cuca (1), boto (1), sítio do pica-pau amarelo (1), vampiros (1), peixe (1) e cabra-cega (1).

dá aula para alfabetização, 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> série e tal distinção é feita por meio de filas. A professora mostrou-se bastante dedicada à profissão apesar das limitações reais com que convive. Citando Ecléa Bosi “quando a cultura popular entra em crise, quando se empobrece e desagrega, ‘os prejuízos que daí advêm afetam a segurança subjetiva do homem que se reduz de seu papel de criador e renovador da cultura para o de consumidor” (BOSI,1977).

### As obras de arte:



Então, 85,7% das crianças entrevistadas, ao serem questionadas sobre “obra de arte”, afirmam possuir uma em casa. Classificam como obra de arte: Fotos, quadros e imagens de Santos, guarda-roupa, espelho, pano de prato, aparelhos de som, água, cama, sofá, peixinhos numa garrafa *pet*, entre outros. Tudo que elas dão valor e acham que é importante ou essencial se torna uma obra de arte o que remete ao imaginário infantil.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há de se considerar, que embora às crianças do semi-árido pernambucano, reflitam suas formas de carências nas brincadeiras de seu dia-a-dia, as representações culturais são reelaboradas para dar sentido ao dinâmico através da cultura popular e do uso sistemático dos programas da televisão. Nesse contexto essas meninas e esses meninos evidenciam maneiras de sobrevivência entre o reflexo da mídia e a falta de recursos naturais e conseqüentemente recursos materiais por convirem em um ambiente de escassez.

Nesse enfoque constatamos que o importante para elas é vislumbrar a estética, ou seja o valor simbólico surge para compreendermos os aspectos dessas novas brincadeiras, de novas atitudes pela substituição das representações tradicionais para misturar às representações da mídia.

Percebemos então que, o consumo dita “regras”, por sua vez a mídia divulga essas “regras” e as crianças se apropriam dessa situação para interpretar em seu cotidiano reflexo desse “mundo” que para elas ficam um tanto distante de sua realidade.

Enfatizar essa questão é apontar alternativas para que se elaborem novas formas de educação, projetos de resgate cultural, e espaços de vivência da memória popular onde permitam que as crianças saiam da contaminação que a mídia oferece para que construam atitudes em seu cotidiano de desenvolvimento da criatividade e que saibam compreender e valorizar o lugar em que vivem, proporcionando assim uma melhor qualidade de vida. A elaboração de um Museu no semi-árido pernambucano, dentro de um contexto dinâmico é direcionar as crianças para as inovações tecnológicas, teatro, exposições, brincadeiras populares, entre outros. No intuito de que elas possam fazer uso do reflexo da mídia de maneira crítica sem perder a essência, que é a espontaneidade da arte de viver com escassez de recursos utilizando a ideologia na representação cultural, caracterizada pelo simples fato de serem nordestinas e fazedoras de uma rica cultura popular.

### **Referências Bibliográficas**

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. (1985) *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar.

ALVES, Rubem. *É brincando que se aprende. Folha de S.Paulo*, São Paulo, 17 fev. 2002. [Caderno Sinapse]

ANDRADE, M. Correia. (1980) *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Ed. Ciências Humanas. ARIÈS, P. (1981) *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

*Arquivo da Biblioteca Municipal de Custódia.*

BACHELARD, G. (1996). *A Poética do Devaneio*, 2ªed. São Paulo: Martins Fontes

BACHELARD, G. (2003) *A Poética do Espaço*. 6ªed. São Paulo: Martins Fontes.

BENJAMIN, Roberto. 2004 – *Folkcomunicação na sociedade contemporânea*, Porto Alegre, Comissão Gaúcha de Folclore.

BENJAMIN, Roberto.(1989). *Folguedos e Danças de Pernambuco*. 2ªed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 134 p.

BOSI, Ecléa.(1977).*Cultura de Massa e Cultura popular: Leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes.

CANCLINI, N.G. & RONCAGLIOLO, R.(1988). *Cultura Transnacional y Culturas Populares*.Lima: Instituto para a América Latina.

CANCLINI, N. G.(1995). *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.

CANCLINI, N. G.(2003). *A globalização Imaginada*. São Paulo: Ed. Iluminuras.

CASCUDO, Luís da Câmara. (1998). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ªed.São Paulo: Ediouro, 930 p.

FRADE, Cásia.(2002).*Evolução do Conceito de Folclore e Cultura Popular*.Comunicação apresentada ao 10º Congresso Brasileiro de Folclore. São Luís/MA.

GADOTTI, Moacir.(2000). *Perspectivas atuais da educação*. São Paulo Perspec.v.14 n.2. São Paulo abr/jun 2000.Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=es&nrm=iso&tlng=pt)

GOMES, A. M. (2000) *O Imaginário Social da Seca e suas Implicações para a Mudança Social*. Recife: Massangana, 225 p.

HELLER, A. (1987). *O Cotidiano e a História* . Rio de Janeiro: Paz e Terra.  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). (2003). *Patrimônio Imaterial*.  
Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaPhan>  
n acesso16/08/2006.

JARA, C. J. & SOUTO, M. V. (2001). *As Dimensões Intangíveis do Desenvolvimento Sustentável*. Brasília: Instituto Iberoamericano de Cooperação para a Agricultura.(IICA).

MARTINS, J. S. (2000). *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec.

PACHECO, Elza Dias. (1998) *Infância, cotidiano e Imaginário no terceiro milênio: dos folguedos infantis à diversão digitalizada*. In. Pacheco, Elza (org). *Televisão, criança, Imaginário e educação*. Papirus:Campinas.

PADILHA, Romeu. (1981) “*A Extensão Rural no Brasil*”. IN: 1º Simpósio Brasileiro de Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Rio Grande do Sul.

PARK, M.B. (Org.)(1996). *Memória, educação e cidadania: tecendo o cotidiano de creches e pré -escolas em Itupeva (SP)*. Campinas: Centro de Memória da UNICAMP.

TURNER, Jonathan H. *Sociologia Conceitos e Aplicações*. São Paulo: Ed. Markon, 1999.